

Faças de uma jovem leitora

Lais Helena Teles¹

“ Je voudrais que tu sois ma soeur, pour t’aimer incestueusement. Je voudrais que tu eusses été ma cousine, pour qu’on se soit aimés très jeunes ”

“Gostaria que fosses minha irmã, para amar-te incestuosamente. Gostaria que fosses minha prima, para que nos tivéssemos amado muito jovens.”

G. A.

Como introduzir Wilhelm Apollinaris de Kostrowitzki (1880-1918)? Ou Guillaume Apollinaire, como se auto-intitulou? Como torná-lo suficientemente interessante...?

Venho novamente ocupar este espaço na condição de porta voz de um autor francês pouco conhecido. Ou melhor, um filho de mãe polonesa nascido em Roma e educado na França.

Desta vez não falo de um escritor romântico, mas de um escritor modernista inicialmente inspirado, em sua poesia, pelo romantismo. Um *vanguardista* que, ao longo de sua curta vida, animou diversas facções da extremamente inquieta intelectualidade européia. Refiro-me principalmente a seu envolvimento com os cubistas (título que ele mesmo teria criado, em texto de 1911, para designar o grupo de Braque e Picasso), com os dadaístas e os futuristas italianos.

Muito bem. Está feita a boa e velha, pequena e concisa, biografia do autor; parte essencial do modelo clássico da resenha. Porém – e este é um *porém enfático* – nesta impressão de leitura o parágrafo anterior só serve, aparentemente, para confundir. Nada, mas nada mesmo do que está escrito ali, remete diretamente ao texto que venho comentar. O Apollinaire sofisticado e inovador, o teórico da arte, não parece o mesmo da narrativa pobre em recursos estilísticos que é o “jovem Don Juan”. Nesse sentido, o que este livro de pornografia, extremamente convencional quanto à forma, teria a ver com tudo mais que aquele autor produziu? Um olhar bastante perspicaz sobre tal questão me foi fornecido por um amigo. Enquanto eu proclamava a fatal impossibilidade de realizar minha futura tarefa, ele me disse algo assim: “mas essas coisas não estão separadas!!!” Traduzindo: estariam a sensibilidade erótica e a sensibilidade intelectual separadas uma da outra, em um mesmo indivíduo?” É obvio que não! Não somos compartimentados, somos?

Li uma vez que nosso autor gostava de Sade. Aaahhh....Então é isso! É por isso que resolveu escrever romances pornográficos! Não nos

¹ Graduação – História/UFPR.

exaltemos tão cedo, pois em outro lugar estava escrito que a literatura erótica lhe parecia a melhor forma de ganhar dinheiro em Paris; dinheiro que, certamente, seus textos iconoclastas não angariavam. Tiremos disso uma lição: jamais nos perguntemos a respeito do que impele um autor a escrever o que escreve.

* * *

Confesso que recorri à saudosa *Enciclopédia Larousse Cultural* para saber a provável origem do *donjuanismo*. Ali consta que a primeira menção à figura de Don Juan é feita na *Crônica de Sevilha* (datada aproximadamente do fim do século XVI). O protagonista, Don Juan Tenorio, após assassinar um tal comandante Ulloa, rapta sua filha. Seu crime não fica impune: ele sofre uma emboscada num convento franciscano, onde morre. Os monges teriam então difundido uma versão da história, segundo a qual o falecido Ulloa teria arrastado Don Juan para o inferno. A partir daí, uma série de autores – entre eles Tirso de Molina, Corneille, Molière e Lord Byron – inspirar-se-iam em Don Juan Tenorio para produzir comédias, tragédias e romances. Ao longo desse tempo, Don Juan passa de embusteiro a sedutor implacável; aquele que rompe o ciclo de troca e circulação das mulheres – deseja-as todas, e as consegue.

O jovem Don Juan de Apollinaire é este último. Chama-se Roger, e é filho de burgueses. Aos treze anos, vai passar o verão na casa de campo da família, ambiente de extrema descontração no qual o pai – único homem na casa além dele – nunca está presente. Além disso, a presença religiosa na propriedade é rara: um capuchinho vem, de vez em quando, à capela. É nesse contexto que o protagonista começa a revelar suas inclinações à luxúria. Quanto mais lhe é negado ver o corpo nu da irmã – tomam banho juntos, porém de costas um para o outro – mais coisas ele enxerga no corpo da mãe e da tia, sempre presentes: “*Aquele olhar lançado às pernas de minha mãe tivera sobre minha virilidade o mesmo efeito que os toques de minha tia.*”

A partir daí, obcecado pela anatomia feminina, quando não estava ocupado em assediar a tia e a irmã – o que, aliás, lhe rendia boas aventuras – “*permanecia quase sempre na biblioteca, onde fora agradavelmente surpreendido pela descoberta de um atlas de anatomia*”. Entre a primeira ereção e a primeira relação sexual – com a mulher do administrador – passam-se poucas páginas. Aí começa o que se poderia chamar da “segunda metade” do livro, toda composta pela sucessão interminável, e admiravelmente detalhada, das aventuras sexuais de Roger.

A sorte do garoto é tanta, que ele consegue encontrar um buraco na parede da capela, por onde escuta as confissões de todas as mulheres da

casa. A mãe, a irmã, a tia, as criadas. Através de seus relatos, apresenta-se ao leitor um quadro surpreendente de hábitos sexuais veementemente proibidos pela Igreja. Um mundo em que a descoberta feminina do sexo acontece entre mulheres.

A esta altura, o protagonista já aprendeu o bastante para declarar que “*as mulheres sabem variar melhor seus prazeres*”. O homem estaria, assim, fadado à quantidade. Porém, o Don Juan de Apollinaire encontra, sim, variedade: garotas, senhoras casadas, mulheres gordas ou magras, camponesas mal cheirosas ou ricas burguesas; pouco importa. Toda e qualquer mulher lhe parece bela, porque nenhuma jamais será igual à outra. Mas não em relação a seu caráter, ou seu temperamento. Seu cheiro, e principalmente sua anatomia: eis aí tudo aquilo que nelas vale a pena conhecer e estudar. E, tal como o mestre que em tudo e todos vê a oportunidade de adquirir conhecimento, Roger as ama, a todas, com a mesma intensidade. Não é, e nunca será capaz, de se decidir por uma delas.

Era inevitável que o resultado das inúmeras orgias de Don Juan logo aparecesse: ele engravida a irmã mais nova, a tia e uma das criadas. Resolve logo o assunto, arranjando um marido para cada uma delas: “*Tudo terminou amorosamente, e eu dormia alternadamente com as mulheres do meu harém. Cada uma sabia o que eu fazia com as outras, e elas se davam bem.*”

Eu disse antes que o livro era, formalmente, convencional. Entretanto, como eu também afirmava anteriormente, Apollinaire é só um; e está tão presente em *O espírito novo e os poetas*, como nas *Faças de um jovem Don Juan*. Assim, neste último é o conteúdo que se mostra anti-conformista, profundamente amoral, apollinairiano. O que é evidenciado na última frase do romance, deliciosamente irônica: “*Espero ter muitos outros (filhos) e, assim sendo, cumprio um dever patriótico, o de aumentar a população do meu país*”.

APOLLINAIRE, Guillaume. *Faças de um jovem Don Juan*. São Paulo: Editora Imaginário, 1997.